

# OBJETO DE DESIGN COMO OBJETO ARTÍSTICO: O ESTUDO DA ARTE SOB UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

Valdemir de Oliveira

oliveiramanaus@gmail.com

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

ISSN 2316-6479

## Resumo

O presente texto versa sobre reflexões acerca do ensino de arte sob uma perspectiva contemporânea, considerando aspectos da cultura da imagem – Cultura Visual – relacionados à perspectiva do objeto de Design como objeto artístico de estudo vir a ser considerado no espaço da sala de aula e seus prolongamentos. Para tanto se busca articular pensamentos e teorias em torno da concepção de objeto e da imagem na cultura contemporânea.

**Palavras chave:** Arte; Design; Objetos; Cultura; Imagem;

## Abstract

This paper deals with reflections on the teaching of art in a contemporary perspective, considering aspects of culture image - Visual Culture - related perspective of object design as art object of study come to be considered within the classroom and their extensions. Therefore it seeks to articulate thoughts and theories around the concept of object and image in contemporary culture.

**Keywords:** Art, Design, Objects, Culture; Image;

## Introdução

Ao adentrarmos nas reflexões sobre as práticas artísticas contemporâneas, seus fazeres e dizeres, bem como sua relação intrínseca com o universo circundante, nos encontramos com realidades distintas e fecundas de outras e novas interpretações. Há consenso em que o que entendemos por arte está relacionado às ressignificações dos sujeitos em conformidade com os tempos em que os mesmos interagem.

Essa percepção da mutabilidade, abrangência e flexibilidade do universo artístico nos leva a considerar que de igual maneira as relações entre a produção artística, enquanto processo de manifestação simbólica de uma cultura, e os meios pelo qual se busca a sistematização de seu estudo – arte e educação - deva abranger as mesmas características com a finalidade de articular-se com as transformações e ou incorporações e preconizações comumente reconhecidas nas produções artísticas.

Considera-se nesse enredo a relativização do que vem sendo posto desde os tempos da Arte Moderna em relação ao produto artístico, a “obra” de Arte, em uma concepção mais clássica, que com a incorporação de outras referências e interesses temáticos passou a agregar diferentes elementos em suas produções, da mesma forma que o processo de criação é revisitado, como já ocorrido em outros tempos, e não mais há uma obrigatoriedade de manufatura dos trabalhos, os quais em grande escala passam a sofrer processos de apropriação/incorporação.

Transmutados de seus universos de origem diferentes objetos passaram a integrar o campo da arte, e o valor utilitário do objeto passa a ter uma relação de equidade com sua forma, nesse caso sob a ótica da estetização.

Consideramos então que a designação “obra” necessita ser revisitada a fim de dar vazão a essas transformações de relações entre a produção industrial e a produção artística, amplia-se o seu sentido, e a palavra “objeto” começou a ocupar um lugar de designação na nova ordem de trabalhos artísticos. Obra e objeto não como sinônimos, mas como categorizações de diferenciação que sinalizam mudanças de conceituações e entendimentos.

Dessa forma acredita-se que não só a Arte reordena-se em consonância com um mercado diferenciado, como o campo do Design incorpora em seus processos uma articulação estética intencional e marcante entre a forma e a função.

Arte, Educação e Design como espaços interligados e que demandam olhares sobre o contexto de produção, representação, distribuição e percepção dos objetos que denominamos obras de Arte (HERNÁNDEZ, 2007).

Em igual teor as discussões no campo do Design sobre sua natureza e função encontraram correspondência na arte e educação, de maneira que as experiências compartilhadas nesses campos podem nos orientar para possíveis entendimentos das relações complexas estabelecidas a partir dos desdobramentos propostos pelo contexto atual.

Ainda que não estabelecida uma concepção clara, nesse texto Arte e Design são descritas como áreas distintas, mas convergentes e interativas pela perspectiva do ensino de Arte sob uma abordagem contemporânea enquanto textos e contextos.

Refletir a cerca do estudo da Arte sob uma perspectiva contemporânea, abrangendo essas interações significativas faz-se pertinente frente um mundo em expansão onde os horizontes dissipam-se e territórios antes bem delimitados tornam-se rarefeitos.

Adentramos nas especificidades para reordenar pensamentos e ações frente à complexidade dos tempos vividos.

## 1. O objeto e a ressignificação do objeto

Ao vislumbramos a era contemporânea e todas as transformações significativas ocorridas nas últimas décadas, podemos considerar sobre o impacto que tais mudanças ocasionaram nas diferentes esferas de interação da sociedade. Não seria diferente na relação com a Arte, uma vez que em parte ela mesma tem papel ativo nessas transformações.

Desdobramentos diversos podem ser estabelecidos partindo dessa constatação, sendo a relação necessária porque presente entre estes campos da produção humana: a Arte e o Design.

Assim como após décadas de estudos sistematizados não temos uma definição única para Arte, muito pelo contrário, cada nova abordagem suscita outras vertentes, o mesmo ocorre no campo do Design onde,

a discussão sobre a natureza do design não deveria ser polarizada entre estilo e substância. A superfície das coisas importa, mas também precisamos ter a capacidade de entender o que esta por baixo (SUDJIC, 2010, p. 34).

Encaminhada à discussão centra-se a questão em torno do objeto e sua representação material, as imagens constituídas pelas suas formas, texturas, cores ou ainda na concepção de Sudjic (2010, p. 54): “Os objetos não existem no vácuo: são parte de uma complexa coreografia de interações”.

O objeto resignificado por meio dessa complexidade interativa, tal como o corpo movimentando-se, desenham-se as formas. São as formas que nos prendem o olhar, são os objetos do cotidiano ou os objetos “inventados” portadores de tantas formas que nos revelam dimensões do olhar.

Olhar para o feito, o realizado, o manipulado, forma e função em diálogos silenciosos, exaltadores de uma fragrância de intimidade inebriante dos sentidos e que corrompe os limites e definições, “formafunção”. Revela-se como objeto hibridizado, metáfora de visões singulares de seus projetistas que instauram no mundo físico a materialidade de suas subjetividades. Conduzido ou não, o resultado é forma-imagem, estética, ética, poiética da função:

As formas dos artefatos não possuem um significado fixo, mas antes são expressivas de um processo de significação – ou seja, a troca entre aquilo que está embutido em sua materialidade e aquilo que pode ser apreendido delas por nossa experiência. Por um lado, as formas concretizam os conceitos por trás de sua criação. (CARDOSO, 2012, p. 36)

O objeto criado é multiplicado e suas formas exploradas: lançam-se a cor, a textura, os matizes e a metáfora visível se transforma, como entidade viva no território dos inanimados, onde:

Claramente, “forma” abrange pelo menos três aspectos interligados, que possuem diferenças importantes entre si: 1)aparência: o aspecto perceptível por uma visada ou olhar; 2)configuração: no sentido composicional, de arranjo das partes; 3)estrutura: referente à dimensão construtiva ou constitutiva. (CARDOSO, 2012, p. 31)

Diálogos são criados, afetos construídos, valores agregados, e a função cede lugar, sem perder sua relevância, a presença da forma, suporte de memória em permanente construção.

Há tempos, valem-se os museus da beleza histórica das formas, do contingente dos objetos. Deslocados, valorizados, trazem ao ato fruidor as marcas esculpidas de ideias e ideais deste e de outros tempos, solidificados, transpassados, abrem-se como sementes para germinar novas ideias e polinizam os olhos que criam, e recriam na referência do já criado, renascem as formas em outras funções e outras funções são atribuídas às formas.

Instaura-se uma consideração sobre os objetos do Design que são criações. Ainda que se crie orientado pela função não teria o objeto tradicional da Arte a mesma orientação, não há na Arte uma essência de função social?

### **1.1 Objeto em construção - Indivíduo Coletivo**

Adentrando no pensar educativo atual, ou contemporâneo, segundo algumas teorizações, considera-se a relação sujeito e objeto elevada a uma potência simbiótica. Sujeito aqui sinalizado como “indivíduo coletivo”, fazendo uma referência e reinterpretação dos escritos de Zygmunt Bauman (2007) quando abordada as relações de transitoriedade dos indivíduos e fluidez das relações, em processos de descartabilidade das coisas e pessoas. Porém as formas e conveniências são atributos deliberativos para as escolhas e permanências relacionados à cultura, entendida no seu sentido como proposto por Hernández (1998), como conjunto de valores crenças e significações utilizadas para dar sentido ao mundo em que se vive. Essa ideia pode ser complementada no entendimento de Cardoso (2012, p. 36) sendo que “o que muitas vezes nos escapa, por conta da relativa brevidade de nossa existência humana, é o quanto os artefatos se transformam no tempo e, o que é ainda mais difícil dimensionar, o quanto os tempos mudam”.

Indivíduos coletivos pensados como singularidades aglomeradas, defensores de uma individualidade e personalização (customização das identidades) aglutinadas pelas suas opções, escolhas. Em grande parte, os grupos sociais organizados (ou não), reconhecíveis no cotidiano contemporâneo, e nesse caso incluem-se os espaços escolares e seus prolongamentos, são identificados pelo conjunto de objetos das mais diferentes naturezas que são ostentados, acumulados e ou colecionados:

A identidade está em fluxo constante e sujeita a transformação, equivalendo a um somatório de experiências, multiplicadas pelas inclinações e divididas pelas memórias. Quando se pensa que o sujeito existe, ao longo de sua vida, rodeado por enunciados e informações, produtos e marcas, design e projeto, começa-se a ter uma noção das múltiplas maneiras em que memória e identidade podem interagir para moldar nossa visão do mundo material e condicionar nossa relação com os artefatos que nos cercam. (CARDOSO, 2012, p. 92)

Não raro as atitudes posicionamentos são caracterizadas pela presença de objetos que dão visibilidade aos valores sociais e culturais expressos pelo grupo, a imagem de suas formas complementa os discursos.

Essa relação, no entanto, se dá de forma dialética. É o sapato, com seu desenho exclusivo de salto, que estrutura o nosso andar, (há ideias ou ideologias impressas em seu design), são os cortes justíssimos ou extralargos das calças jeans que inscrevem outras posturas corporais. Não mais a classe (mesa) ou cadeiras definem por si só uma relação entre sua forma, função e o corpo que a utiliza, outras instâncias, forças e objetos, coabitam essa situação, estabelecendo jogos de interação cada vez mais dinâmicos:

Hoje, mais do que nunca, na chamada “era da informação”, é praticamente impossível chegar a qualquer objeto sem passar antes pelo repertório – ou seja, sem alguma noção dos discursos que moldam seu significado e uma ideia preconcebida de como será sua experiência. (CARDOSO, 2012, p. 68)

Talvez resida aí a demanda de aprofundamento sobre a “interatividade” que parece trazer formas abertas de interação, onde a forma não se define por completo, nem mesmo a função, abrangendo multiplicidades de usos, os desdobramentos e reconfigurações podem variar exponencialmente.

## **2. Considerações sobre o objeto artístico: arte e design**

Sob a vertente da Arte e sua inserção no âmbito educacional, é imperativo não só a revisão das abordagens tradicionais de seu ensino como reintegração da visão da Arte como produção histórico/social.

A dilatação de suas fronteiras, a hibridização de seus processos criativos e a retomada da cientificidade da Arte, direciona o olhar para as configurações geradoras da produção artística atual.

Destituída a supremacia da institucionalização da Arte, mas não menos valorizada, os objetos artísticos logram outros espaços, sofrem deslocamentos. Inseridos em meio ao cotidiano massificado colocam suas identidades em questionamento constante, pela legitimidade do objeto e sua alocação.

Questões que já subjazem na historicidade dos objetos desde Marcel Duchamp e suas provocações estéticas via desterritorialização dos objetos, aportando reconfigurações estéticas do olhar, não mais centrada hermeticamente no objeto criado, mas no fruidor e sua capacidade de interação que, a seu modo, tenderia a reorganizar o mundo a sua volta conferindo novos valores estéticos aos objetos deslocados.

Claramente esse processo é fomentado pelos artistas que trabalham em um contínuo de produções para que as noções de padrões estéticos não sejam cristalizados e engessem a criação. Caberia pensar que para alguns artistas os seus processos criativos não estão direcionados exclusivamente para o objeto, outro sim, é o próprio fruidor o seu interesse, sendo o objeto o meio, e não o fim.

O pensamento converge no sentido de que grandes formas subjacentes organizam a apreensão do real por uma sociedade e a Arte exprime essas forças no campo da sensibilidade, assim como a ciência as transcreve na esfera da inteligência, o que leva a considerar que “a criação artística não se limita em transpor os modelos de uma cultura instituída, mas participa na instauração de uma ordem sensível. A obra é menos o que percebemos do que aquilo com o que sentimos” (LÉVY, 1998, p. 40).

Nesse espaço recriado, os objetos de Design, centro dessas reflexões, constituem-se como referências indispensáveis aos estudos sistematizados da arte no contexto educativo. Tomando como referência o lugar em que este texto foi produzido, a cidade de Manaus, Amazonas, Brasil, mais do que as obras clássicas expostas em alguns raros espaços da cidade, são os objetos (de Design) que se apresentam em escala arrebatadora aos nossos olhos e convivência.

Considera-se os valores característicos do bom Design, segundo a “inventividade de linguagem. Todo trabalho de design envolve o emprego e a conjugação de linguagens, geralmente de ordem visual e/ou plástica (CARDOSO, 2012, p. 244-245).

Como entidades colonizadoras dos sentidos, não demandam agendamento ou preparação do indivíduo coletivo para estabelecerem interações, estão em todos os lugares, em todas as dimensões e são presentes em todas as ações, como referências indicativas de nossa condição construída de sociedade do consumo.

Dar conta do mundo de informações que nos cercam, das palavras/objeto, tem sido pontuado em diferentes campos de investigação sobre o pensamento humano. É significativo apontar para os estudos da Cultura Visual como área mediadora que busca referências norteadoras para essa experiência de mundo atual.

Considera-se essa área partindo do posicionamento da Cultura Visual como,

(...) uma concepção inclusiva que torna possível a incorporação de todas as formas de arte e design ou fenômenos visuais relacionados com o corpo e tradicionalmente ignorados pelos historiadores da arte e do design [colocando em relação] a visualidade implícita no visual com a materialidade própria da palavra cultura (GUASCH apud MARTINS, 2007, p. 25).

ISSN 2316-6479

Tais aproximações de áreas, estudos, teorias problematizam a existência contemporânea dos indivíduos coletivos, considerando suas múltiplas formas de manifestação no mundo físico e virtual, onde a noção de real é vista como construção social-cultural, não sendo esta realidade estanque e imutável.

O Design em sua abrangência de significação e função parece integrar e por vezes instituir tópicos de questionamentos, estudo e apreciação no contexto de análise e reflexões sobre os pressupostos inerentes ao ensino de Arte, que assume responsabilidades formativas, preparatórias de indivíduos que são iniciados na alfabetização visual, para uma leitura significativa de mundo:

Em seu sentido mais elevado e ambicioso, o design deve ser concebido como um campo ampliado que se abre para diversas outras áreas, algumas mais próximas, outras mais distantes. Nesse sentido, o designer pode sim ser artista, ou artesão, arquiteto, engenheiro, estilista, marqueteiro, publicitário ou uma infinidade de outras coisas. A grande importância do design reside, hoje, precisamente em sua capacidade de construir pontes e forjar relações num mundo cada vez mais esfacelado pela especialização e fragmentação de saberes. (CARDOSO, 2012, p. 234)

A complexidade do mundo contemporâneo, como sinaliza Cardoso (2012), suscita reordenação e revisão dos eixos estruturantes de nossas práticas. O mesmo entendimento de complexidade descrito pelo autor como “um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo” (2012, p.15).

Tem-se neste entendimento o sentido que orienta a proposição de interatividade entre Arte e Design tendo sobre o “objeto” a formulação do conjunto de indagações cujas possibilidades de resposta estamos apenas começando a esboçar, direcionando as questões para a assunção de que o leque de possibilidades do Design pode ser incorporado como objeto de estudo em arte/educação no espaço da sala de aula e seus prolongamentos.

### **3. Docência, Arte e Design: enlaces culturais**

Considerando as relações hibridizadas e a contribuição dos processos de escolarização para a interação efetiva com o mundo atual é inerente à ação docente o enfrentamento em buscar “visões das coisas e práticas do saber”

propiciando reflexões sobre o conhecimento recente e a forma como se apropriar do conhecimento instituído e em construção.

Todas as evoluções que se estão esboçando na área educacional estão em congruência com as modificações das atividades cognitivas observadas em outras áreas (LÉVY, 1998). Tal constatação também converge para um entendimento transdisciplinar, considerando que na Arte essas modificações caracterizam-se pelo fluxo contínuo em que acontecem.

Pensarmos esta abordagem do estudo da Arte pelo viés interativo e convergente entre objetos de Arte e objetos de Design, encontra correspondência em um pensar os estudos-ensino da Arte imbricados com as questões da Cultura Visual, como já mencionado, uma vez que “discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (MARTINS, 2007, p. 26).

Sem adentrar nas especificidades e meandros da leitura/interpretação de imagens o que se coloca em perspectiva é a necessidade de uma visão reconstrutiva do pensar pedagógico e artístico, como ato político, cultural, social, e demais instâncias, observando o ser humano como um todo intelectual e afetivo, fonte de todos os seus atos, enquanto ser cultural que: “Ao agir, ele age, culturalmente, apoiado na cultura e dentro de uma cultura” (OSTROWER, 1995, p. 13).

Entende-se que a interpretação é uma ação de múltiplas perspectivas, caracterizando-se como processo denso e complexo (MARTINS, 2007), abrangendo para além daquilo que se diz sobre o que é visto. Ou ainda na concepção de Lévy onde “Ao nos pronunciarmos sobre a qualidade de uma obra, certas obras anteriores, as que nos educam, é que na verdade falam para nossa boca. O poder de abrir um mundo é próprio da beleza” (1998, p. 40).

Essa reconfiguração do status da criação artística em detrimento de uma cultura das imagens indica para a reordenação dos aparatos didático-metodológicos, de forma a dar conta deste cenário de múltiplas realidades/visualidades que se reordenam, realocam na mesma velocidade em que o pensamento é direcionado a ele.

Discente ou docente, podemos nos encontrar apáticos ao complexo de imagens que nos cercam, porém, não isentos de sua presença e ação. De uma forma ou outra as imagens/objetos a que estamos propensos estabelecem relações de naturezas diversas, que tencionam o que vemos, o que sentimos, pensamos e falamos sobre o mundo circundante aportando para considerações sobre a imagem como,

uma condição vinculada ao modo como uma acepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa,



mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto no qual vivenciamos (MARTINS, 2007, p. 27).

Estabelecem-se pontos interativos e intencionais com os objetos do Design e para além deles, de maneira que devidamente instruídos consigamos captar as nuances da imagem das coisas, “a imagem – espécie de membrana deslocada (captada) de sua superfície de coisas, matérias, objetos e estruturas – revela algo significativo apenas como evidência ou pegadas de sua materialidade” (MARTINS, 2007, p. 27).

Essa experiência reconstrutiva dos processos conceituais do trabalho docente em Arte, não se restringe somente as questões formais - objetos de Arte, objetos de Design – mas encontra nesse conjunto de coisas materializadas e dadas a uma proliferação de formas de interação, pontos de ancoragem para que se pense e conseqüentemente se reveja os jogos do ver em toda sua complexidade de acepções da palavra ver, relacionadas ao papel que as imagens têm na vida da cultura (MARTINS, 2007).

Da mesma forma nos coloca frente à constatação de que como pensadores – professores pesquisadores - sabemos que todo discurso rebate em nossas carências tanto quanto reanima conceitos já existentes, gerando uma dinâmica entre o que é sentido e o que é vivido.

Disto percebe-se que correlacionar tudo a tudo pode gerar um caos, mas está na sensibilidade nossa, a capacidade de escolha dos caminhos e cruzamentos a serem feitos, onde estão imbricadas questões como o desenvolvimento de uma práxis (interativa e reflexiva) com o mundo tangível.

### **Considerações iniciais**

Em nada o texto define-se, postula ou condiciona respostas, outro sim, alarga todos os horizontes em processos rizomáticos, para o estudo dos temas em questão. Não se tratou da busca de respostas, mas declaradamente a tentativa anelante de encontro com outras questões, abrindo espaços para a mensuração das lacunas, as quais acabam por dar sentido ao texto, na medida em que é tomado como intertextualidade, reconfigurando-se em cada leitor e atingindo o impensado, o imprevisto, o não concebido, fazendo dele – o texto – o próprio objeto, objeto/imagem que se desprende de seu contexto e dele nos resta seus vestígios.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Zygmunt. Vida Líquida. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 210.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 264.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 74.

\_\_\_\_\_. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Tradução: Ana Death Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007, p.127.

LÈVY, Pierre. A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998, p. 244.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção sócia da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira (Org.). Arte, Educação e Cultura. Santa Maria: Editora UFSM, 2007, p. 19-40.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995, p. 289.

SUDJIC, Deyan. A linguagem das coisas. Tradução: Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010, p. 223.

---

### **Minicurrículo**

Valdemir de Oliveira é professor da Universidade do Estado do Amazonas – UEA; Coordenador de Qualidade de Ensino da Escola Normal Superior-UEA. Coordenou Pólo Arte na Escola UEA; Tutor do Curso EAD Artes Visuais: cultura e criação – SENAC/AM (2010/2011/2012); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (UFSM/RS); Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica – UFSM/RS; Mestre em Educação – UFSM/RS;